

NOTAS DE LIVROS

MILTON CAMPOS : *Compromisso Democrático*, 395 págs. Coleção Cultural, vol. 3. — Publicações da Secretaria de Educação de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1951.

NÃO temos o hábito de dar feição teórica a nossas questões políticas. Geralmente adotamos soluções e sugestões que, originais ou praticadas em outros países, nos parecem satisfatórias. O resto, compete à prática. São raríssimos os estudos de ciência política publicados no Brasil; muitos caíram no esquecimento. Trata-se de um mal antigo e sem remédio. No Império, embora possuíssemos uma constituição em que não miguavam instituições absolutamente "sui-generis", a bibliografia especializada, redigida durante 50 anos não ocupa meio metro de estante. A singular instituição do Poder Moderador, não obstante ser a "chave" do regime, provocou o nascimento de dois livros apenas, um dos quais, por sinal, que de excepcional valor. Durante a República não se verificou alteração alguma na situação: velhas brochuras poerentas dormem em bibliotecas esquecidas, algumas de maior interesse.

Por isto é que registramos com real prazer o aparecimento de volumes como a coletânea de discursos do sr. MILTON CAMPOS, proferidos no exercício das funções de Governador de Minas. Não que seja um tratado sistemático de ciência política, mas pelo fato de ser uma série de análises sobre temas da atualidade, de autoria de um dos mais lúcidos e seguros pensadores políticos brasileiros, no momento exercendo um alto cargo, que lhe seria excelente posto de observação e apropriado campo de experiência.

O volume, que é precedido por vivo e primoroso prefácio de autoria do prof. ABGAR RENAULT, em que se traça, com exatidão e finura o perfil psicólogo do sr. MILTON CAMPOS, contém numerosos discursos, dispostos em ordem cronológica.

Não obstante a grande variedade dos temas e a sua disposição natural, sem preocupação de fazer da coletânea um tratado, não nos será difícil verificar a linha una e fiel a si mesma do pensamento que inspira tôdas estas páginas, algumas de extraordinário valor.

Trata-se de pensamento claro e penetrante, cujo conteúdo se reveste de forma literária que é modelo, digna de quem, como se lê num dos melhores discursos reunidos no volume, considera "a dificuldade de expressão como causa dos conflitos humanos". Trata-se de homem que possui o "sentido do diálogo", que acredita na

possibilidade de entendimento entre os seres humanos na base da confiança recíproca na discussão dos problemas em bases racionais. Esta primasia da inteligência é um dos traços marcantes da posição filosófica que assume o sr. MILTON CAMPOS nas páginas dêste livro. Num dos últimos discursos diz, mesmo :

“A verdade está no ponto mais alto da hierarquia do sêr e, na ordem moral, é a virtude de mais difícil prática”.

Uma conceituação exata da democracia seria a consequência lógica desta maneira de encarar a existência. Poderíamos fazer uma pequena antologia a respeito. Mas, acreditamos que no discurso aos trabalhadores : “O trabalho como base da ordem jurídica”, no trecho que se inicia à página 83, lê-se uma das mais completas, exatas e formosas definições da democracia, assim como no discurso proferido na Conferência do Araxá : “Existir com o povo” (pág. 263) temos uma colocação extremamente feliz das relações entre o poder público e a vida econômica, enquanto que em outro discurso aos trabalhadores — “Pela dignificação do trabalho” (pág. 227) a justa maneira de situar o trabalho na ordem jurídica. Isto sem falar na análise tão fiel da situação política nacional que se lê no discurso — “Apêlo à Conciliação Nacional” e nas páginas de rara beleza e profundo sentimento humano, como a sua última mensagem do Ano Novo.

Muita cousa poderíamos assinalar ainda, na discussão de temas concretos e na fixação de aspectos parciais de certos problemas. A doutrina política, porém, exposta no volume está contida, de modo essencial, nos três discursos mencionados antes. Tentaremos resumir-la em termos gerais, já que os limites de uma simples nota bibliográfica não permitiriam transcrições por demais longas. O que é pena, confessamos. O regime democrático tem por objetivo a efetivação da justiça por intermédio da liberdade. Será imperfeitamente democrático o regime que acentuar o caráter liberal da democracia, com prejuízo do de seus objetivos igualitaristas; o mesmo acontecerá, se sacrificarmos a liberdade à igualdade. Como consequência, no plano econômico, o Estado possui sua missão própria, mais supletiva do que substitutiva, mais orientadora e pedagógica do que propriamente realizadora. Como aliás documento para a história temos o art. 146 da atual Constituição que nasceu de uma emenda de autoria do sr. MILTON CAMPOS, e no qual a moderna consciência dos deveres econômicos do Estado se enquadrou dentro de limitações liberais.

Finalmente, temos o belo discurso aos trabalhadores. Possivelmente nunca se redigiu e se expressou com tanta justeza a po-

sição democrática do ideal de valorização do trabalho e reintegração do trabalhador na órbita dos valores da civilização moderna. Não me furtarei ao prazer de citar :

“A supressão de privilégios em favor de pessoas, de grupos ou de classes é a grande tarefa da democracia moderna, cujo conteúdo é a igualdade, ao lado da liberdade, que é sua base e seu clima”.
— J. C. DE OLIVEIRA TORRES.

Dr. J. VINCENS VIVES: TRATADO GERAL DE GEOPOLÍTICA (*Geografia, Historia, Guerra y Diplomacia*) Coleção “Hilani” — Editorial Teide — Barcelona — 230 págs., 1/16 — 1950.

A GEOPOLÍTICA, filha da Geografia Política de RATZEL (1897), nasceu neste século com um duplo pecado original: o caráter estritamente determinista e a ambição de ciência normativa.

A fôrta determinista adveio-lhe de sua filiação ratzeliana, exacerbada pela escola geográfica alemã. A ambição normativa foi o seu drama: cedo transformou-se em arma de propaganda política, de instrumento de imperialismo expansionista, que o nazismo, sobretudo, explorou em suas últimas conseqüências.

Não admira assim a reserva com que a nova ciência, inicialmente inoculada como um dos ramos da Política, e não da Geografia, pelo estadista sueco KJELLÉN, foi recebida em todos os círculos científicos democráticos. Essa reserva, que se tornou logo resistência, ainda é bem viva entre os geógrafos da escola francesa, que guardam ciosos o legado do possibilismo clássico, deixado pelo seu mestre, VIDAL DE LA BLACHE. Num tratado recente que hoje tem voga em todo o mundo dos especialistas (LES FONDEMENTS DE LA GÉOGRAPHIE HUMAINE — 4 tomos — ARMAND COLIN), o eminente geógrafo MAX SORRE declara (Tomo II — *Les Fondements Techniques* — pág. 17): “Le mot de “geopolitique” ne s'impose pas. Il est lié à de trop détestables souvenirs pour être conservé. Mais on ne saurait tout rejeter des tendances biologiques de l'œuvre de KJELLÉN.”

O pronunciamento, além de autorizado, é bastante significativo. Mostra que a resistência em face da geopolítica cifra-se às detestáveis lembranças que evoca, em seus primórdios: o drama e os desvários dos geógrafos alemães da “Revista de Geopolítica”, de HAUSHOFER, transformados por Hitler em corifeus do expansionismo “solo e sangue”, adotado pelo III Reich. Mas revela, ao mesmo tempo, que não é possível menospresar-se aquilo que a pesquisa honesta e criteriosa demonstra, no tocante à interação entre